



A colonização sobre as mulheres indígenas: reflexão sobre cuidados com o corpo

Colonization on indigenous women: reflection on cares of the body

Braulina Aurora

Universidade de Brasília - UnB

e-mail: bwbraulina@gmail.com

DOI: 10.26512/interethnica.v22i1.20530

Resumo: Este artigo busca apresentar uma reflexão, partindo do ponto de vista de uma mulher indígena, ativista que defende os direitos indígenas e de mulheres, de forma interpretativa e desde uma perspectiva de mulheres indígenas. O nosso objetivo é apontar como ações de colonização, partindo das igrejas não-indígenas violaram o direito de práticas culturais de mulheres Baniwa, no contexto de cuidado com o corpo, justificadas por “tabus e coisas do diabo”. Isso é resultado do contato violento com os povos indígenas, que sofreu uma contraposição. Para expor essa resistência e resiliência, se faz necessário uma reflexão, partindo das falas de mulheres entrevistadas, chamando atenção para a prática silenciosa de violência que violou o direito de uso de conhecimentos milenares e ciência indígena. No final, deixamos a mensagem: até que ponto as igrejas não-indígenas são boas ou ruins na vida de mulheres, refletindo nessa normalização de práticas nas comunidades indígenas.

Palavras-chave: Colonização, Mulheres Indígenas, Relações Interétnicas

Abstract: This article seeks to present a reflection, starting from the point of view of an indigenous woman, an activist who defends indigenous and women's rights, interpretively and from an indigenous women's perspective. Our aim is to point out how actions of colonization, starting from the churches violated the right to cultural practices of Baniwa women, in the context of caring of the body, justified by "taboos and things of the devil", which is the result of violent contact with the indigenous peoples. For that, a reflection is necessary, starting from the statements of women interviewed, calling attention to the silent practice of violence that violated the right to use millennial knowledge and indigenous science. In the end, we leave the message: to what extent churches are good or bad in women's lives, reflecting this normalization of practices in indigenous communities.

Keywords: Colonization, Indigenous Women, Interethnic Relations

Ao longo do texto, busco apresentar preocupações e reflexões que surgiram durante a produção da monografia de graduação, defendida no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, no contexto da minha pesquisa sobre a formação, educação e cuidado com o corpo de mulheres indígenas do meu povo, povo indígena Baniwa, localizado na região do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, mas que, agora, estamos em diversas Universidades em contexto urbano vivenciando nossas e novas práticas.

Para este trabalho, pretendo dividir com os leitores, inquietações pessoais sobre a prática silenciosa de violência sobre os direitos, configurando em violações. Trato especificamente de processos de colonização de mulheres indígenas, por parte das igrejas e de demais agentes e instâncias da sociedade nacional. Lanço a hipótese de que esse processo de contato e violações de direitos foi criado de forma muito planejada para silenciar nossas práticas culturais e nossa ciência para com o cuidado com o nosso corpo, especialmente sobre as mulheres indígenas. Como uma mulher Baniwa, este trabalho foi realizado em conjunto com outras mulheres do meu povo, quando compartilhamos conhecimento e memória. Esse foi o desenho metodológico usado.

Pode-se pensar ainda que tais práticas religiosas não indígenas nos atingiram de forma a perdermos esses cuidados, nos apresentando à normalização de que a nossa vivência é algo errado. Para agirem, os colonizadores usaram o discurso de “salvar almas”, o que legitima a prática de racismo e discriminação com o conhecimento indígena e de mulheres. Toda essa complexa discussão é o que buscarei apresentar neste trabalho.

Colonização X Mulheres Indígenas

Sou uma mulher Baniwa, o meu povo entrou em contato com os colonizadores no início do século XVIII. Nessa época, muitos homens e jovens foram violentados, perseguidos e escravizados por espanhóis e portugueses. Parte considerável do meu povo morreu por epidemias, como o sarampo e a varíola, trazidas por não indígenas e conhecidas por dizimar muitos povos no Brasil. Além disso, durante o processo de contato, os Baniwa foram explorados por não indígenas, na ilusão de melhoria da condição de vida através da troca de mercadorias pelo seu serviço braçal. Muitos perderam contato com suas famílias ou morreram trabalhando para os patrões, que eram militares portugueses. No século XIX, na região, havia presença portuguesa em São Gabriel da Cachoeira e Marabitanas.

Os Baniwa experimentaram o contato com diversos tipos de brancos, desde os comerciantes de escravos portugueses e espanhóis, até os patrões da borracha e de outros produtos da florestas em diferentes ondas extrativistas, missões de várias ordem católicas e a missão evangélica da New Tribes Mission (Estorniolo, 2014 p. 49).

Resistimos a esses diversos processos de colonização por meio de estratégias de enfrentamento criadas por nós. Assim, nos últimos 25 anos, por meio das associações indígenas, os Baniwa têm tentado unificar suas formas de autodeterminação, algo sobre o que não existe uma informação consolidada em outras pesquisas de não indígenas. Nossos avós enfrentaram as maiores violações de direitos humanos na luta por nossos territórios. A colonização mudou seu formato com a chegada da religião na região do Rio Negro, e o cenário das comunidades indígenas também mudou. A chegada de igrejas foi uma grande violência, tanto ideológica como de direitos humanos. Na época, era a dita escola civilizatória, mas agora a compreendemos como a morte de

conhecimentos ancestrais. A religião chegou e dividiu os Baniwa: uma parte das comunidades é composta por evangélicos e outra por católicos. A divisão é visível até nos dias atuais.

Para Wright (1999b), a religiosidade tradicional se transfigurou na conversão religiosa, católica e evangélica, na eclosão de movimentos milenaristas que mobilizaram a sociedade Baniwa nos séculos XIX e XX. Os pesquisadores como Wright & Hill (1986) tratam da religiosidade como milenarista na região e falam da violência da forma como ocorreu a colonização. A conversão e seus desdobramentos até hoje repercutem no modo de vida Baniwa (Garnelo, 2003.p 20).

Diante dessa frente colonizadora que atuou nas famílias, na formação das crianças por meio das escolas, pode-se dizer que, nesse universo indígena, falar de mulheres coloca uma série de desafios analíticos e de reflexões sobre as categorias que encontramos na formação cultural como mulher, seja ela sobre o gênero, maternidade e família. O contato interétnico deixou heranças, boas e ruins. A questão de violência requer análise sobre as configurações que foram se fazendo. Assim, as atuais práticas culturais na formação de corpos e subjetividades devem ser entendidas a partir de tais processos violentos intermeados de resistência. A retórica de silenciamento na produção de conhecimento das mulheres indígenas é outra violência existente, pouca falada e percebida por mulheres de comunidades indígenas. Não se fala e não se faz abertamente e claramente os cuidados corporais ou os resguardos, mas os mesmos são vividos silenciosamente.

Consequência de contatos com as igrejas

O povo Baniwa teve os primeiros contatos com a religião com a chegada de uma missionária mulher, desde então a vida das mulheres indígenas passou a ficar impregnada da/na religiosidade ocidental, pois ela atuou principalmente com as mulheres. Mulheres e homens Baniwa sofreram violências como a perda de práticas de saberes e atividades cerimoniais de formação e educação. Os cuidados baniwa foram deixados de lado, a religião entrou em cena de forma como se fosse um desejo das mulheres e povo da comunidade. O saber indígena se tornou errado e indesejável, ficou marcado como impuro, antropologicamente falando, para o mundo das mulheres. Essa ação foi marcada pela separação das crianças das famílias, processos de adoecimentos e escravização que nos fragilizaram e a presença de missionários aproveitando e criando essas situações.

No entanto, essa dinâmica provocou reações, Wright (1998) utiliza o conceito de “mitopraxis” para problematizar os movimentos sócio-religiosos em grupos indígenas, no Brasil, demonstrando que várias dessas manifestações são atualizações rituais de produções míticas preexistentes, numa busca de transformação simbólica (e, às vezes, material) da realidade encontrada num momento histórico determinado. A apropriação e ressignificação de um produto da alteridade, como a doutrina cristã se fez em consonância com a estrutura

simbólica do pensamento nativo (Barabas, 1989; Wright, 1998, 2005; Garnelo, 2003).

Perguntei às minhas interlocutoras se houve movimento de resistência por parte das mulheres no uso de saberes indígenas. Todas responderam que a religião silenciou esses conhecimentos, mas, a priori, elas mantiveram e continuaram com as práticas básicas de formação. Uma delas é a reclusão, observada e praticada na primeira menstruação, quando a jovem aprende a controlar o sangue que flui e transforma seu corpo/saber a partir desse ritual.

As violações de direito às práticas culturais se deram nessa época, quando as mulheres trocaram rituais indígenas por batismos de igreja evangélica. Isso aconteceu ao longo do rio Içana durante a evangelização. A pouca resistência que aconteceu, nesse primeiro momento, foi de forma muito silenciosa, pois para aquele povo sem acesso a seus direitos nem domínio da escrita no papel, tendo sofrido anteriormente com guerras e epidemias avassaladoras, achou-se que as novidades eram coisas certas a se fazer e praticar, uma forma de sobrevivência ao genocídio que se perpetuava.

Nossos pais aceitaram a religião, penso que como uma forma de sobreviver e resistir ao genocídio, mas ao mesmo tempo, revelando práticas de resistência. Continuamos com uso de remédios silvestres e de quintais de casa (remédios tradicionais das mulheres). No extremo da vida social, o jogo era lidar com a sobrevivência mesmo podendo perder a cultura milenar das mulheres.

As violações de direito ao uso de remédios tradicionais, segundo conta uma interlocutora, foram desacreditá-los, pois tinha pessoas que diziam para não fazer mais uso desses e ainda se ampliaram os conflitos quando as duas religiões chegaram no povo Baniwa, evangélica e católica. Os crentes, como são conhecidos na região, presenciaram conflitos e discriminações de parentes e amplificaram esses ao dizerem que aqueles que deixaram de realizar rituais iriam para o paraíso, e que os católicos são os que praticam o mal.

A violência foi tanta diante do que foi construído a partir do ponto de vista daqueles que chegaram. Sem conhecer a nossa cultura, violaram o direito de uso de práticas e rituais, afetando os limites territoriais. Essas práticas e tudo o que antes era acessado de forma amigável, passaram a ser restringidas pelas religiões ou divisões que foram provocadas no interior das comunidades, como as diferenças entre casáveis e não-casáveis, entre gênero e geracional. Tudo sofreu uma transformação forçada. Assim, as alianças matrimoniais tornaram-se impossíveis. A diferença e a desigualdade provocadas pela religião eram vistas como inadequadas, por isso é que muitos pesquisadores falam da endogamia ou casamento entre as pessoas do mesmo clã. Essa violação das regras matrimoniais, dos arranjos familiares e da formação das lideranças políticas foi uma das piores, desde o meu ponto de vista. Ocorreu um acirramento nas lutas pelo poder entre líderes das comunidades, além disso, muitas mulheres fugiram para casar.

Os casamentos tradicionais passaram a ser realizados nas conferências (encontros religiosos realizados 2 vezes por ano) pelas comunidades evangélicas. Por isso, hoje temos parentes em diferentes lugares. A

miscigenação entre povos ainda continua nos dias atuais, as mulheres Baniwa se casam com os parentes Tukano. Esses novos arranjos passaram a ser desafios epistemológicos, metafísicos e práticas que tivemos que aprender a lidar para sobrevivermos.

Saúde e Cuidado com o corpo

Sob essa retórica de salvação de almas, os corpos das mulheres indígenas passaram por transformações nos cuidados. Os rituais de formação e uso de cosméticos nativos deram espaços para orações religiosas, batismos e práticas das religiões Ocidentais. Cabe perguntar como passamos a manejar nossas vidas. Aqui enfatizo que as mulheres Baniwa souberam manter uma educação ancestral apesar das muitas tentativas em silenciar o conhecimento milenar. O silêncio imposto passou a ser o meio ou forma que usamos para continuar nossa formação.

A complexidade da transmissão dos conhecimentos tradicionais foi um grande desafio, em tal processo. Os tempos mudaram e nos mudamos também, disse a minha mãe. A prática de transmissão de educação ancestral é mantida, mas de forma muito invisível. Hoje falamos de orar, de fazer tal coisa para o fulano não passar mal, ou temos que fazer oração antes de nossas refeições e praticamos isso no dia a dia. Falamos muito de proteção e temos que nos proteger o tempo todo, mas temos que ser discretos, pois a discrição é para poucos. Não temos que falar tudo o que sabemos para os que não são da nossa família. As mulheres herdaram conhecimentos milenares que são a continuação de história do povo de seu clã, e que dialoga com o trabalho dos homens Baniwa. Esses conhecimentos são espetaculares e encontram-se, por exemplo, nas coisas produzidas pelas mulheres Baniwa, como *akhepa* (cerâmica) e *ada* (ralo), que são objetos que as mulheres Baniwa aprendem e têm habilidade de produzir. Essa produção é um saber que encapsula a sabedoria feminina de lidar com a mata e manter a vida social na comunidade.

Os cuidados com a saúde nos nossos termos devem ser considerados como mediadores simultaneamente materiais e simbólicos, que permitem a nós nos representarmos. Há eventos ameaçadores à manutenção da vida contra os quais devemos intervir. De modo geral, os sábios costumam reforçar as esferas de regulação e reprodução da ordem social estabelecida e buscam produzir medidas destinadas a atenuar ambiguidades que se exacerbam do evento de contato que produz adoecimentos e desordens (Samaja, 2000). No mundo baniwa, os procedimentos preventivos e curativos se imbricam de tal forma que não podem ser considerados em si mesmos, mas sim como potências criativas e desencadeadoras de resistência como as rezas, jejuns, procedimentos de higiene, uso de plantas medicinais e curas de xamânicas (Garnelo, 2003. p.69).

O processo de cuidados com o corpo de mulheres mostra, em meio a várias violações de direito de uso e práticas culturais, formas de resistência, e acredito que isso acontece não só nas mulheres Baniwa, como em outros povos indígenas. A perda cultural desencadeada pela colonização é incalculável, muito da nossa formação como mulheres e conhecimentos morreu, e corremos o risco de termos perdas das que ainda mantemos. Dessa maneira, retomando,

especificamente, o tema da colonização sobre as mulheres indígenas, poderíamos dizer que a civilização, baseada em impor conhecimento do outro sobre outro, impôs o fim de cuidados específico de mulheres com seu o corpo e a invisibilização de produção de conhecimento, fazendo com que a mulher indígena não tivesse sua própria história de resistência.

Ao longo do processo de colonização, os saberes indígenas das mulheres se fundamentam na oralidade, a qual está viva e funciona dentro das famílias que a praticam. A regra social passou a ser familiar, mas também se tratam de saberes coletivos. Esses saberes e práticas que antes eram realizadas de forma coletiva nas comunidades, por exemplo os rituais de passagem de meninas e meninos, são feitas apenas dentro de casa de famílias e ocorrem fora do território no caso de famílias que moram na cidade.

Segundo as mulheres mais experientes do meu povo, a saúde e bem-estar passam pela forma como nos alimentamos, como cuidamos do nosso corpo, e pela forma como cultivamos os conhecimentos e saberes indígenas recebidos na nossa formação. Esses saberes geram gentilezas e alegrias, e devem ser transmitidas dentro das comunidades ou aonde se estiver. De acordo com elas, as mulheres são as que mais necessitam de controle, pois são as que viabilizam a continuação do povo.

Por fim, após ouvir e trabalhar essa temática na graduação, sobre as mulheres, fiz um recorte para colonização de mulheres. Para se chegar a essa problemática, foi estabelecida uma observação participante entre as mulheres de dois clãs do meu povo. Uma delas viu a Missionária Sofia chegar nas comunidades, porém foi batizada somente depois que se tornou viúva pela segunda vez, e outras mulheres são as que já nasceram no berço de evangelização, que são da minha geração.

Para obtenção de maiores informações, realizamos entrevista e diálogo intergeracional sobre os cuidados com o corpo e suas práticas nos dias atuais. Nesse momento nos deparamos com algumas notícias tristes, o que me leva a interpretar que a tamanha violência silenciosa nos fez perder muitos cuidados. Nos dias atuais, temos mulheres que tiveram filhos nos hospitais através de uma faca (parto via cesárea) e as que tentam ter filhos por meio do parto natural/domiciliar e nas comunidades estão sofrendo muito, isso é falta de acesso a nossos remédios, chás e acompanhamento familiar.

Cabe ressaltar que, no universo das mulheres, regras sociais devem ser seguidas, do contrário, essas mulheres poderão sofrer consequências e a exposição pública. Isso é o fim de uma família. Por isso, deve-se buscar a purificação e o cuidado com o corpo, se alimentando bem e respeitando a espiritualidade de seu consumo, contendo a impulsividade, controlando seu pensamento, sem deixar que os sonhos estraguem sua vida e seu cuidado. Se isso voltar a ser praticado, podemos supor que haverá novas mudanças nos cuidados e nas famílias.

REFERÊNCIAS

- ESTORNILO, Milena. (2014). *Laboratórios na floresta : os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro*. Brasília : Paralelo 15. 549 pp.
- GARNELO, Luiza. (2003). *Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- WRIGHT, Robin. (2005). *História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Instituto Socioambiental.
- (1998). *Cosmos, Self and History in Baniwa Religion: For Those Unborn*. Austin: University of Texas Press.
- BARABAS, Alicia. (1989). *Utopias indias: movimientos socioreligiosos en México*. Colección Enlace. México, DF: Editorial Grijalbo.
- SAMAJA, J. (2000). *A Reprodução Social e a Saúde: elementos teóricos e metodológicos sobre a questão das 'relações' entre saúde e condições de vida*. Salvador: Casa da Qualidade.